

Museu do Ipiranga chega a 2 milhões de visitantes

Número alcançado desde a reabertura, em setembro de 2022

O Museu do Ipiranga, oficialmente denominado Museu Paulista da Universidade de São Paulo, atingiu a expressiva marca de 2 milhões de visitantes desde sua reabertura, ocorrida em setembro de 2022. O número consolida a instituição como um dos principais equipamentos culturais do Brasil e reforça sua relevância como espaço de produção de conhecimento, debate público e reflexão crítica sobre a história nacional a partir de temas contemporâneos.

Para celebrar o marco, o museu preparou uma programação especial ao longo do mês, com destaque para atividades gratuitas abertas ao público. Entre as ações comemorativas estão a distribuição de bottons aos visitantes, além de apresentações culturais, que integram o projeto institucional “Música no Museu”. A iniciativa busca ampliar o diálogo entre patrimônio histórico e expressões artísticas, aproximando diferentes públicos do espaço.

Sucesso de público

Segundo Paulo Garcez Marins, diretor do Museu Paulista, o sucesso de público está diretamente ligado à proposta curatorial adotada após a reabertura. “Não é o passado que define um museu de história, mas o presente. A história é uma operação intelectual sobre o passado feita a partir das questões que nos movem hoje”, afirma. Essa mesma visão orienta tanto as exposições quanto os programas que são educativos e culturais desenvolvidos pela instituição.

A perspectiva contemporânea sobre o papel do museu foi retratada recentemente na minissérie Museu do Ipiranga 130 anos: histórias para pensar o presente, dirigida por Marcelo Machado, e no podcast Pensar o presente: histórias de um museu em transformação, produzido pelo Estúdio Novelo. Ambos os conteúdos foram lançados como parte das comemorações pelos 130 anos do museu, celebrados em setembro deste ano.

Dentro da programação especial, o Coralusp XI de Agosto apresenta o espetáculo “Divas da MPB em Cena”, sob regência de Eduardo Fernandes e direção cênica de Maria Silvia do Nascimento. O repertório reúne canções marcantes da música popular brasileira, abordando temas como memória social, ancestralidade, identidades coletivas, crítica social e vivências urbanas. A



Leandro Chemalle/Thenews2/Folhapress



O Museu é administrado pela USP. A Média de visitação no local vem se mantendo alta desde a reabertura

Na foto à esquerda, a noite de reinauguração do Museu do Ipiranga, no dia 06/06/2022

proposta valoriza a diversidade cultural e evidencia a força simbólica da MPB na construção da identidade brasileira.

Os números de visitação refletem também o fortalecimento da dimensão educativa do Museu do Ipiranga. Desde a reabertura em 2022, a média de público se mantém elevada, com crescimento significativo da presença de grupos escolares da rede pública. Apenas em 2025, cerca de 20 mil estudantes de diferentes regiões do país participaram de visitas agendadas, com atendimento especializado e percursos educativos adaptados às faixas etárias.

Além disso, aproximadamente 3.500 pessoas em situação de vulnerabilidade social foram atendidas por meio de ações que incluíram transporte, alimentação e mediação cultural. As iniciativas fazem parte da política

de democratização do acesso ao patrimônio histórico e científico mantida pela instituição.

Outro destaque é o ciclo “Encontro com a Pesquisa”, iniciado em janeiro de 2025. A série mensal de palestras apresenta estudos desenvolvidos a partir dos acervos do Museu Paulista e tem atraído público interessado em história, cultura material e patrimônio. A proposta amplia a circulação do conhecimento acadêmico e fortalece o vínculo entre pesquisa e sociedade.

As exposições temporárias também desempenham papel estratégico na renovação do diálogo com o público. Em 2025, dois projetos se destacaram: Debret em Questão – olhares contemporâneos, com curadoria de Gabriela Longman e Jacques Leenhardt, e Design e Cotidiano na Coleção Azevedo Moura, sob curadoria

de Adélia Borges. Esta última registrou recorde de público, com mais de 80 mil visitantes durante o período em cartaz.

Após a reforma, a área construída do Museu do Ipiranga dobrou de tamanho, chegando a cerca de 14 mil m² a 16.338 m², com a adição de um novo edifício de ampliação de aproximadamente 6.800 m², que abriga café, loja, auditório e salas de exposições temporárias, além de triplicar a área expositiva e tornar o museu totalmente acessível com novos elevadores e túnel.

O Museu do Ipiranga fica na Rua dos Patriotas, 100, no bairro do Ipiranga. O funcionamento é de Terça a domingo, das 10h às 17h (última entrada às 16h). Os ingressos custam R\$ 30 (inteira) e R\$ 15 (meia). A gratuidade é às quartas-feiras e no primeiro domingo de cada mês.

Museu recebe mostra do pintor francês Debret

“Debret levou uma vida dupla no Brasil. Ele era pintor da corte e, ao mesmo tempo, um artista que sentava na sarjeta e desenhava o cotidiano do Rio de Janeiro e o que via nas ruas.” É o que diz a jornalista Gabriela Longman, curadora da exposição Debret em Questão – Olhares Contemporâneos, em cartaz no Museu do Ipiranga da USP, que exibe 35 gravuras originais de Jean-Baptiste Debret (1768-1848), ao lado de peças de 20 artistas contemporâneos que fazem releituras da obra do pintor francês. As gravuras de Debret foram emprestadas pela Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM) da USP, pelo Instituto Itaú Cultural e pelo Instituto Moreira Salles. Inaugurada no dia 25 de novembro, a mostra fica em cartaz até maio de 2026, com entrada grátis.

A história

Debret morou no Brasil entre 1816 e 1831, acompanhou a passagem da Colônia para o Império e, em suas pinturas e desenhos, registrou a cultura escravocrata local. A exposição é um desdobramento do livro Rever Debret, do sociólogo francês Jacques Leenhardt – também curador da mostra –, publicado em 2023 pela Editora 34. Na obra, Leenhardt pesquisa a produção de Debret e dos contemporâneos que trabalham com releituras de obras do artista francês, explorando a relação entre imagens do passado e imagens atuais.

O Brasil

Os artistas contemporâneos presentes na exposição são de todas as regiões do Brasil, além de três estrangeiros. A seleção, com alguns já presentes na pesquisa inicial de Leenhardt e outros adicionados depois da publicação do livro, transmite a diversidade típica da arte contemporânea, segundo Longman. Não só no que se refere a suportes, como pintura, fotografia, instalação, colagem digital e vídeo, mas também quando se pensa em abordagens. “Existe uma diversidade de estratégias discursivas para olhar as imagens do passado, desde a ironia, a brincadeira e o humor, até as que trazem a seco essas imagens de violência.”